NATUREZA E TRANSPARÊNCIA EM ROUSSEAU

Gustavo Cunha Bezerra

Docente do Curso de Filosofia da Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE – Presidente Prudente – SP. E-mail: gustavocunha@unoeste.br

RESUMO

Uma das facetas mais conhecidas e divulgadas do pensamento de Jean-Jacques Rousseau é a sua defesa da bondade natural dos homens e a condenação da sociedade moderna por ser resultado de um constante afastamento do estado de natureza. Tal diagnóstico pessimista da vida social moderna é elaborado primeiramente no *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, e posteriormente no *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*. Nestas obras Rousseau argumenta sobre a perda da transparência, da comunicação sincera dos sentimentos. No romance *A Nova Heloísa*, por sua vez, cria-se uma pequena comunidade rural que consegue resgatar, através do bom uso da razão, essa transparência perdida.

Palavras-chave: Rousseau, natureza, sociedade, Filosofia Moderna, literatura.

NATURE AND TRANSPARENCY IN ROUSSEAU

ABSTRACT

One of the best known and publicized facets of the thought of Jean-Jacques Rousseau is its defense of natural goodness of men and the condemnation of society as a result of a constant removal of the state of nature. Such a pessimistic diagnosis of modern social life is produced primarily in the *Discourse on the Sciences and Arts*, and later in the *Discourse on Inequality*. In these works, Rousseau argues about the loss of transparency, honest communication of feelings. In the novel *The New Heloïse*, in turn, creates a small rural community can gather, through the proper use of reason, that transparency lost.

Keywords: Rousseau, nature, society, Modern Philosophy, literature.

INTRODUÇÃO

A relação do homem com a natureza possui grande importância na formulação do pensamento rousseauniano. Encontramos constantemente nas obras de Jean-Jacques Rousseau referências que situam a natureza num plano em que a felicidade e a virtude podem ser conquistadas.

A teoria sobre o estado de natureza apresentado no *Discurso sobre a Origem da Desigualdade* atribui ao homem natural uma harmonia com a natureza que lhe conserva no gozo da plena felicidade e da posse imediata da verdade, pois verdadeiro e falso ainda não são diferenciados. Mas o homem se desviou desse destino natural. As conjeturas de Rousseau falam em adversidades climáticas que obrigam o homem a fazer uso de sua *perfectibilidade* para sobreviver. O problema é que o homem "(...) não cessou de acrescentar suas invenções aos dons da natureza. E desde então a história universal, embaraçada pelo peso continuamente crescente de nossos artifícios e de nosso orgulho, adquire o andamento de uma queda acelerada na corrupção (...)" (STAROBINSKI, 1991, p.23). A vida em sociedade cria um homem de *aparências*; o seu destino agora será a desigualdade e a infelicidade.

Tanto no *Contrato Social* quanto no *Emílio* encontramos tentativas daquilo que Starobinski denominará de *retorno à transparência*, tarefa que ao transportar-se para o plano concreto revela-se extremamente difícil e complexa. Podemos questionar, entretanto, sobre a possibilidade de algum tipo de relação social que propicie a preservação da *transparência* desejada por Rousseau.

O problema das grandes cidades.

A resposta pode ser iniciada através da análise da crítica de Rousseau às grandes cidades, ao tipo de lugar onde a corrupção manifesta-se em seus extremos. Primeiramente é necessário compreender a relação entre a crítica à vida citadina e o ataque de Rousseau contra as ciências e as artes. É interessante notarmos que a última, originada no *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, inspira-se exatamente num olhar de reprovação lançado sobre Paris.

A primeira impressão, em 1731, e a decepção imediata de Jean-Jacques sobre Paris são relatadas no livro IV das *Confissões* (p.110):

> Como, à primeira vista, Paris desmentiu a idéia que dela fazia!(...) Entrando pelo arrabalde de Saint-Marceau; só vi ruas pequenas, sujas e mal cheirosas, casas escuras e miseráveis, um ar de falta de limpeza, de pobreza, mendigos, carreteiros, palmilhadeiras, pregoeiras de tisanas e de chapéus velhos. Tudo aquilo chocou-me tanto a princípio que, tudo o que vi depois em Paris de realmente magnífico, não conseguiu destruir aquela primeira impressão e ficou-me para sempre uma aversão em morar na capital.

Depois de uma década Rousseau retorna a Paris, Ernst Cassirer (1999, p.42) comenta sobre as conseqüências desse retorno: "O desenvolvimento espiritual autônomo de Rousseau começa apenas no momento em que ele chega a Paris, com quase trinta anos. Ali ele vivencia primeiramente o verdadeiro despertar de sua autoconsciência intelectual." O mundo no qual o tempo é regulado pelo trabalho e deveres, desagrada Rousseau, mas durante certo tempo ele consegue se adaptar às regras exteriores; estabelece contato com Diderot e com isso garante acesso à vida literária e social parisiense. No entanto, toda a cortesia da recepção que ele teve nesta cidade acaba por incomodá-lo, pois a

falsidade aí se mostra evidente; Rousseau "sente de maneira cada vez mais intensa que esse tipo de amabilidade desconhece qualquer ligação pessoal" (CASSIRER, 1999, p.42).

Cassirer salienta que é nessa constatação da impossibilidade da verdadeira amizade que se deve procurar uma explicação para misantropia de Rousseau. A influência do desprezo pela sociedade parisiense na sua carreira literária será consumada quando ele perceber que os intelectuais sofrem do mesmo mal. O primeiro *Discurso* se ocupará então de reclamar o *espírito verdadeiro*, denunciando a falta de originalidade e a uniformidade enganosa da intelectualidade.

Nessa obra, a partir da qual Rousseau passa a ser reconhecido entre os seus contemporâneos, pode-se perceber o reflexo desse *escândalo* com que Jean-Jacques se depara (1999a, p.191 e 192):

> Como seria doce viver entre nós, se a contenção exterior sempre representasse a imagem dos estados do coração, se a decência fosse a virtude, se nossas máximas nos servissem de regra, se a verdadeira filosofia fosse inseparável do título de filósofo!
> (...) incessantemente a polidez impõe, o decoro ordena; incessantemente seguem-se os usos e nunca o próprio gênio. Não se ousa mais parecer tal como se é(...)

Temos, portanto, o conflito de Rousseau com uma sociedade classificada por ele como um *rebanho*, na qual a relação entre os homens é determinada pela *aparência* enganosa.

Starobinski nos reporta à infância de Jean-Jacques para indicar o momento em que Rousseau descobre a força das *aparências*. As seqüelas do incidente do pente quebrado, relatado no primeiro livro das *Confissões*, são sublinhadas por Starobinski. A acusação injusta acompanhada de uma *terrível punição*, a contradição entre *ser-inocente* e *parecer-culpado*, fazem Rousseau descobrir

> que as consciências são separadas e que é impossível comunicar a evidência imediata que se experimenta em si mesmo. Desde então o paraíso está perdido: pois o paraíso era a transparência recíproca das consciências, a comunicação total e confiante. O próprio mundo muda de aspecto e se obscurece. (STAROBINSKI, 1991, p.20)

Jean-Jacques sofre a injustiça antes de conhecê-la; era apenas isso o que a sua inocência lhe permitia:

> Não tinha ainda raciocínio suficiente para sentir como as aparências me condenavam e para pôr-me no lugar dos outros. Mantinha-me no meu e tudo o que eu sentia era o rigor do castigo pavoroso para um crime que eu não havia cometido. (...)
> Terminou aí a serenidade de minha vida infantil. Desde aquele momento, deixei de gozar a verdadeira felicidade e hoje mesmo sinto que a recordação dos encantos de minha infância termina ali. (ROUSSEAU, s/d, p.22 e 23)

Tal incidente não desperta na infância de Rousseau nenhuma reflexão filosófica sobre a oposição entre ser e parecer, porém, ao escrever o primeiro *Discurso,* esse será o tema essencial com o qual ele se defrontará: "Que ser e parecer sejam diversos, que um "véu" dissimule os verdadeiros sentimentos, esse é o escândalo inicial com que Rousseau se choca, esse é o dado inaceitável de que buscará a explicação e a

causa, essa é a infelicidade de que deseja ser libertado" (STAROBINSKI, 1991, p.17)

Mas Rousseau (1999a, p.192) não perde de vista sua condenação às cidades:

> Não mais amizades sinceras; não mais estima real; não mais confiança fundada. As suspeitas, as desconfianças, os temores, a frieza, a reserva, o ódio, a traição serão ocultados incessantemente sob esse véu uniforme e pérfido de polidez, sob essa urbanidade tão louvada que devemos às luzes de nosso século.

Apesar de encontrarmos tal referência pejorativa à *urbanidade* no primeiro *Discurso*, será no romance *A Nova Heloísa* que Rousseau expressará com maior clareza o seu posicionamento ante as grandes cidades e a sua admiração pela vida rústica do ambiente rural.

A Nova Heloísa

O primeiro contato do personagem Saint-Preux com a sociedade parisiense revela-lhe um mundo de solidão e de máscaras, no qual a intimidade é simulada e a amizade resume-se numa simples adulação. Saint-Preux descreve à Julie, assim, sua experiência:

> Entro com um secreto horror neste vasto deserto do mundo. Este caos oferece-me apenas uma solidão horrível onde reina um triste silêncio. Minha alma aflita procura expandir-se nele e por toda parte sente-se comprimida. Nunca estou menos só do que quando estou só, dizia um antigo; quanto a mim, somente estou só na multidão, onde não posso pertencer a ti nem aos outros (...)
> Não é que não me ofereçam uma boa acolhida, amizades, cortesias, e que mil cuidados obsequiosos não pareçam voar ao meu encontro. Mas é disso justamente que me queixo. Como ser logo amigo de alguém que nunca se viu? O honesto interesse da humanidade, a efusão simples e tocante de uma alma sincera tem uma linguagem muito diferente das falsas demonstrações da polidez e das aparências enganosas que o hábito da sociedade exige. Tenho muito medo de que aquele que desde o primeiro momento me trata como um amigo de vinte anos não me trate, ao final de vinte anos, como um desconhecido se tivesse de pedir-lhe um grande favor; e quando vejo homens tão distraídos ter um tão terno interesse por tantas pessoas, presumiria facilmente que não tem por ninguém.[1] (ROUSSEAU, 1994, p.210 e 211)

Podemos confrontar este reino da opacidade com o momento de deslumbre de Saint-Preux na admiração da natureza montanhosa do Valais. A natureza exótica desta região

> produz para os olhos uma mistura inexprimível cujo encanto aumenta ainda pela sutileza do ar que torna as cores mais vivas, os traços mais marcados, aproxima todos os pontos de vistas; as distâncias parecem menores do que nas planícies, onde a espessura do ar cobre a terra com um véu, o horizonte apresenta aos olhos mais objetos que parecem conter. (ROUSSEAU, 1994, p.83)

[1] Vemos, ainda na mesma carta, referência à desigualdade social de Paris: *"(...)é talvez no mundo a cidade em que as fortunas são mais desiguais e em que reinam, ao mesmo tempo, a mais suntuosa opulência e a mais deplorável miséria"*.

A transparência é conquistada aqui pela contemplação do espetáculo da natureza. Porém, de acordo com Starobinski (1991, p.93)

> (...) essas cores e essas formas tornadas mais intensas, essa tonalidade mais límpida do ar não são privilégio da montanha nem de nenhuma paisagem: é uma qualidade do olhar, uma figura mítica da felicidade, uma metamorfose que a exaltação da alma é capaz de projetar no mundo que a cerca. (...) A transparência dos corações restitui à natureza o brilho e a intensidade que ela perdera.

A transparência é uma característica do olhar que preserva sua natureza, como o do homem natural do segundo *Discurso* que não possui nenhum obstáculo perante a exterioridade; "(...) a sensação se abre diretamente para o mundo, a ponto de o homem mal saber distinguir-se daquilo que o cerca. O homem experimenta então um contato límpido com as coisas" (STAROBINSKI, 1991, p. 37). Nesse momento ele só conhece o *imediato*, a *existência atual*, pois seus desejos, em pleno acordo com as necessidades físicas, estão sempre ao alcance de suas mãos.

Mas toda essa *inocência original* está perdida; o homem se entregou ao devir, ao progresso de seu conhecimento, velando assim o espetáculo da natureza. Em *A Nova Heloísa*, "sabendo que o homem não pode mais voltar ao estado natural, Rousseau coloca seus personagens num ambiente campestre, rural, onde a pequena sociedade se entrega a criação, ao plantio, enfim, ao enriquecimento da natureza e não à sua destruição" (MORETTO, 1994, p.16).

Essa pequena comunidade, uma propriedade rural denominada Clarens, na qual não deixa de existir o *senhor* e os *servidores*, "não restabeleceu o reino da inocência e não instaurou o da igualdade" (STAROBINSKI, 1991, p.111). O que é evidenciado pelo modo com que Wolmar, o patrão, visando à instauração da ordem necessária para a prosperidade de Clarens, dissimula seu mando ao fazer os servidores acreditarem que estão agindo livremente, criando nestes um sentimento de igualdade.

De qualquer forma, Starobinski destaca um elemento que permite a apreciação desta *pequena sociedade* como uma comunidade virtuosa. Trata-se da "festa das vindimas". Neste dia de festa a felicidade reina, pois é o dia em que os corações são transparentes, em que se cria a ilusão do retorno à *idade de ouro*; "a embriaguez alegre resultará da perfeita evidência de cada um" (STAROBINSKI, 1991, p.103). A ficção procura, assim, realizar o sonho rousseauniano da transparência.

O trabalho não deixa de fazer parte desta festa, "e os atos do labor mal se distinguem dos jogos do regozijo" (STAROBINSKI, 1991, p.98). Aí se reúne de forma exemplar *o agradável ao útil*. A igualdade criada durante a *festa das vindimas* faz com que seja justificada a desigualdade dos dias não festivos:

> Rousseau está pronto a aceitar um mundo onde existe apenas uma pseudo-igualdade social, com a condição de que seja possível, algumas vezes, fazer de modo a que todos se sintam iguais. Tudo se passa como se a essência da igualdade consistisse no sentimento de ser igual. Esse "platonismo do coração" (a expressão é de Burgelin) torna legítimo o recurso a ilusão. Será mesmo muito desculpável enganar os outros, se é para o seu bem, isto é, se é para inspirar-lhes felizes ilusões. (STAROBINSKI, 1991, p.110 e 111)

Outro elemento que propicia a felicidade para Clarens é a independência em relação ao mundo exterior; a autossuficiência é seu único objetivo econômico. Starobinski distingue dois tipos de autonomia conquistados e necessários para o êxito desta comunidade:

> Se a festa exprime a perfeita autonomia das consciências, revela-se que ela tem como cenário uma prosperidade agrícola que torna possível a perfeita autonomia material da comunidade. O sucesso de Clarens consiste, com efeito, na conquista simultânea de uma e de outra forma de autonomia. (STAROBINSKI, 1991, p.115)

A independência da consciência depende da independência econômica. Mas é importante notar que tal independência econômica não deve ir além do suprimento das necessidades razoáveis, todo o ganho deve ser imediatamente consumido. As trocas intermediadas pelo dinheiro são evitadas ao máximo: "o dinheiro, intermediário abstrato, não é necessário nessa sociedade que consome imediatamente o que produz e que se nutre da substância de seu trabalho" (STAROBINSKI, 1991, p.115). O caráter mediato do dinheiro retira a pureza do consumo daquilo que ele compra.

A satisfação com aquilo que se tem, revela para Rousseau uma forma de liberdade. Nas Confissões leremos: "o dinheiro que se possui é o instrumento da liberdade; o que se procura ganhar é o da escravidão" (ROUSSEAU, s/d, p.34). A eterna busca por novas satisfações causa a infelicidade e a escravidão do homem social, pois o sentimento de insuficiência o acompanhará sempre.

> Mas em Clarens, no mundo da síntese em que as belas almas reconciliam em si mesma natureza e cultura, ver-se-á harmonizarem-se a suficiência do estado de natureza e o trabalho doravante indispensável. A independência primitiva volta a ser compatível com o emprego dos meios da civilização.(...) É a razão, agora, que define o necessário, suprime o supérfluo, ajusta o trabalho às necessidades legítimas; ela determina, assim, os limites no interior dos quais todos viverão num contentamento frugal, abole o reino de opinião, apagando o mal do estado de civilização sem suprimir suas vantagens. (STAROBINSKI, 1991, p.117)

A comunidade rural possui tudo o que é necessário para a sua autossuficiência, basta o bom uso da razão e teremos uma comunidade livre e feliz. Um símbolo da suficiência e da harmoniosa combinação, atingida em Clarens, entre natureza e cultura, é o Eliseu de Julie. Trata-se de um jardim fechado, localizado no centro das terras da comunidade, que possui a singular característica de parecer obra exclusiva da natureza, ou seja, proporciona a ilusão de um lugar que não possui a mínima intervenção humana, uma natureza selvagem. Mas tudo ali foi ordenado por Julie e sua construção não representou nenhum gasto: "o lugar é luxuriante, mas foi a natureza que se encarregou do luxo. Assim, o sanctus sanctorum da família civilizada é um lugar que oferece a imagem da natureza tal como ela era antes que a civilização a houvesse transformada." (STAROBINSKI, 1991, p.115).

Starobinski (1991, p.119) observa também que a liberdade conquistada pela autonomia de Clarens "constitui o privilégio essencial da solidão", mas:

> enquanto que, para subsistir, o indivíduo solitário é obrigado a buscar uma contribuição exterior, o mesmo já não ocorre com a comunidade

> ideal. Concebida como um organismo único no qual todas as partes se completam, imaginada como um eu coletivo, a comunidade trabalha sem sair de si mesma.

É esse o lugar que Rousseau inventa e se encanta. O símbolo ideal da vida campestre. Vimos aqui alguns elementos que suscitam a admiração de Rousseau pelo ambiente rural, elementos estes que não sensibilizam os corações urbanos:

> As pessoas da cidade não sabem amar o Campo, nem mesmo sabem viver nele; mal sabem o que se faz quando aqui estão. Desprezam seus trabalhos, seus prazeres, ignoram-nos, estão em casa em país estrangeiro, não me espanto por não se sentirem bem. É preciso ser camponês na aldeia ou não ir, pois que se vai lá fazer? Os habitantes de Paris que pensam ir para o campo, não vão, carregam Paris consigo. Os cantores, os pedantes, os autores, os parasitas são o cortejo que os segue. O jogo, a música, o teatro são lá sua única ocupação. Sua mesa é abundante, como em Paris, comem as mesmas horas, são servidos os mesmos pratos, com o mesmo aparato, fazem apenas as mesmas coisas; era preferível ficar, pois, por mais rico que se possa ser e por maiores cuidados que se tenha tomado, sentem-se sempre alguma privação e não se poderia trazer Paris inteira. Assim, fogem desta variedade que lhes é tão cara, conhecem sempre apenas uma maneira de viver e dela se entediam sempre. (ROUSSEAU, 1994, p.519)

Podemos dizer que a urbanidade é incompatível com o ideal de felicidade aspirado por Rousseau na vida campestre. A comunidade rural pode produzir o seu próprio alimento e tudo aquilo que lhe é razoavelmente necessário. A cidade não possui as qualidades necessárias para tal; aí o supérfluo é “indispensável” e a simplicidade campestre não é atraente.

No pensamento rousseauniano, as ciências e as artes, tais como foram empregadas pelo homem, representam um mal do qual podemos nos libertar através da restituição da transparência numa vida comunitária que consegue reestabelecer a bondade das primeiras sociedades.

REFERÊNCIAS

CASSIRER, E. **A Questão Jean-Jacques Rousseau**; tradução: Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MORETTO, F. Introdução de A Nova Heloísa. In: **A Nova Heloísa** Edição da editora da Unicamp, 1994.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre as Ciências e as Artes**. In: Os Pensadores (Rousseau vol.2); tradução: Lourdes Santos Machado. São Paulo; Editora Nova Cultural; 1999a.

_____ Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens. In: **Os Pensadores** (Rousseau vol.2); tradução: Lourdes Santos Machado. São Paulo; Editora Nova Cultural; 1999b.

_____ **A Nova Heloísa**. tradução e introdução de Fulvia Moretto. Campinas, SP, Editora da Unicamp; 1994.

_____ **As Confissões de Jean-Jacques Rousseau.** tradução Wilson Lousada, Ediouro, s/d.

STAROBINSKI, J. **Jean-Jacques Rousseau:** a transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau; tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.